

Segmento: PUCRS

29/06/2020 | Gazeta do Sul | Capa | 1

A recuperação de dom Sinésio após a cirurgia

Página 8

29/06/2020 | Gazeta do Sul | Geral | 8

Em casa, dom Sinésio segue rotina tranquila

Após queda, bispo emérito passou por procedimentos médicos e já retornou à Casa Amparo Fraterno, em Linha Santa Cruz.

Nos últimos dias, uma corrente de orações uniu a comunidade católica de Santa Cruz do Sul e região para pedir pela saúde do bispo emérito dom Sinésio Bohn. O religioso, de 85 anos, havia caído e quebrado a bacia ao levantar-se da cama por volta das 4h15 do dia 17 de junho, onde ele mora, na Casa Amparo Fraterno, em Linha Santa Cruz. Ele foi socorrido de forma imediata pela cuidadora que dorme no quarto anexo. Desde então, passou por diversos procedimentos médicos. Ela também avisou o bispado e chamou o Samu que, cerca de 20 minutos depois, já estava atendendo o religioso e levando-o, na sequência, ao Hospital Santa Cruz.

Às 17 horas do dia 19 de junho, dom Sinésio passou por uma cirurgia na qual colocou uma prótese. Ficou internado até a tarde da última terça-feira, quando retornou à Casa de Amparo Fraterno. Passados alguns dias em recuperação, ainda bastante fragilizado, o religioso conversou na tarde de ontem com a Gazeta do Sul e contou um pouco da sua rotina, antes e depois do incidente. “Venho passando a maior parte do tempo deitado. Eventualmente, sento um pouco em uma poltrona”, disse dom Sinésio. Por causa da pandemia do novo coronavírus, as visitas estão restritas. Dentre as pessoas que têm acesso ao religioso, estão o bispo dom Aloísio Dilli e os padres Zeno Rech e Rogério Kunrath. Além disso, a casa ainda possui os funcionários e moradores, que são os padres Dario Backes, Francisco Hochscheidt, Alfredo Lenz e Loreno Konzen.

Afirmou não deixar o recinto em que está, mas nem por isso deixa de se ocupar. “Rezo muito. De vez em quando jogo canastra com o cuidador, assisto missa na TV, escuto rádio e, algumas vezes, acompanho as notícias na televisão. Estou me resguardando”, salientou. Reza três terços por dia: um pelos padres da diocese e bispo dom Aloísio, outro pelo povo das dioceses onde trabalhou como bispo (Brasília, Novo Hamburgo e Santa Cruz do Sul) e outro em intenções variadas.

Um pedido de proteção para a comunidade Dom Sinésio Bohn foi ordenado padre em dezembro de 1961 e bispo no dia 9 de setembro de 1977. Está em Santa Cruz do Sul desde 1986. No mesmo ano, foi nomeado como sucessor do bispo dom Alberto Frederico Etges, assumindo como segundo bispo em 31 de agosto de 1986. Em 19 de maio de 2010 o papa Bento 16 aceitou sua renúncia por limite de idade (75 anos). Dentre os incidentes pelo qual passou no últimos anos, está uma cirurgia realizada em 2018 no Hospital da PUC-RS, em Porto Alegre, para retirada de um tumor no pâncreas.

Na ocasião, o órgão precisou ser, em parte, removido. Atualmente, segue uma sequência de cuidados, que vão desde tomar remédios até um tratamento com fisioterapeuta. Não possui restrição alimentar. Antes do acidente no dia 17 de junho, afirmou que tinha uma rotina muito parecida com a de agora. “Acrescenta-se que eu rezava missas três vezes por semana no Mosteiro da Santíssima Trindade e, aos sábados de tarde, na Casa Amparo Fraterno.” Caminhar pelo pátio da casa também fazia parte da sua rotina antes da queda. De vez em quando, com o auxílio do cuidador, também ia até o Seminário. Além disso, mantinha uma sequência de leitura e, eventualmente, escrevia alguma cartinha. “Estou afastado das lidas pastorais e bastante fragilizado, mas ainda penso e rezo bastante para o nosso povo, para que todos sejam abençoados e protegidos por Deus.

Também rezo para que a nossa Diocese tenha o apoio da nossa comunidade e possa cumprir sua missão de evangelizar e

testemunhar a caridade. Que Deus proteja a todos”, salientou o bispo emérito dom Sinésio Bohn, que completa 86 anos no próximo dia 11 de setembro.

29/06/2020 | Jornal de Gravataí | Cultura | 6

Escritor gaúcho é um dos vencedores do prêmio Sesc de literatura 2020

Pela quarta vez na história do Prêmio Sesc de Literatura, um escritor gaúcho vence a competição nacional. O porto-alegrense Tônio Caetano recebeu o reconhecimento da categoria Conto na edição 2020 da premiação, com a obra Terra nos Cabelos e ganhou a oportunidade de ter seu trabalho publicado pela editora Record. O selecionado na categoria Romance foi o capixaba Caê Guimarães, que atualmente vive no Espírito Santo, com o livro Encontro você no oitavo round. No total, o prêmio recebeu a inscrição de 1358 livros. Servidor público municipal e especialista em Literatura Brasileira pela PUCRS, Caetano tem 38 anos, já participou de várias antologias literárias e superou 665 concorrentes com seu trabalho.

Em Terra nos Cabelos, ele trilha diferentes percursos da mulher na sociedade, envolvendo questões que abordam o mundo do trabalho, o primeiro beijo, ritos de iniciação e as violências submetidas ao sexo feminino. "A literatura faz parte da minha vida desde a infância. Ganhar o Prêmio Sesc me faz a pessoa mais feliz e também me dá um baixinho na barriga. Eu ainda estou assimilando tudo o que representa este momento. A minha única certeza é que vai me tornar um escritor melhor", comenta Caetano, que entra na lista de vencedores gaúchos ao lado da canoense Luisa Geisler e do porto-alegrense Tobias Carvalho. Luisa foi selecionada em 2011, na categoria Conto, com a obra Contos de Mentira, e em 2012, na categoria Romance, com Quiçá. Em 2018, Tobias foi o ganhador da categoria Conto, com o livro As Coisas. Vencedor da categoria Romance, Caê Guimarães é poeta, escritor, jornalista, redator e roteirista e teve a obra selecionada entre 692 inscritos. Com Encontro você no oitavo round, apresenta a história de um pugilista que se debate entre um incômodo zumbido e a memória de outra ocupação antes de se dedicar ao boxe. Dias antes da sua última luta, conhece uma jornalista disposta a desvendar o que o fez tomar o caminho dos ringues. "Recebi com muita alegria a notícia que o meu primeiro romance foi o vencedor do Prêmio Sesc de Literatura. É uma oportunidade muito potente de levar meu trabalho para outras praças, conhecer autores, públicos e outras formas de fazer literatura e estar no mundo", afirma. Há 17 anos, o Prêmio Sesc de Literatura revela anualmente dois escritores, sempre nas categorias Romance e Conto.

Nesse período, se tornou uma das mais importantes premiações do país, ao oferecer oportunidades a novos escritores e impulsionar a renovação no panorama literário brasileiro, sendo hoje considerado referência por críticos literários, escritores brasileiros e visto como porta de entrada para o mercado editorial no Brasil. Os vencedores têm suas obras publicadas e distribuídas pela editora Record, parceira do Sesc no projeto. A curadoria e seleção dos livros segue um padrão criterioso e democrático. As inscrições são gratuitas, feitas pela internet e protegidas por anonimato. Em seguida, as obras são avaliadas por escritores profissionais renomados, cujos nomes mudam a cada edição, que escolhem os vencedores pelo critério da qualidade literária, legitimando o processo. Esse ano as comissões foram comandadas por Renata Pimentel e Samarone Lima, na categoria Romance, e por Ana Paula Maia e Marcelo Moutinho, na categoria Conto.

29/06/2020 | Jornal do Comércio | Empresas & Negócios | 1

Cadê o turista?

Não há dúvidas de que o turismo foi e continua sendo o setor da economia mais afetado pela pandemia do coronavírus, tanto no exterior quanto no Brasil. Desde o início, países se fecharam, milhares de voos foram cancelados e os aeroportos ficaram vazios, assim como os hotéis e restaurantes de cidades turísticas. Na imagem acima, o tradicional Hotel Laje de Pedra, de Canela, encerrou as atividades após 42 anos. O viajante está isolado em casa, aguardando que tudo se normalize. Mas a pergunta de ouro é: qual será o 'novo normal' do turismo?

Setor do turismo tenta se adaptar a exigências do “novo normal”

Mais afetado pela crise do coronavírus do que outros setores, o turismo tenta voltar às atividades, com ajustes em função das circunstâncias. Na serra gaúcha, por exemplo, a adoção de medidas de segurança além das exigidas e uma mudança no perfil do turista são as novidades. Caderno Empresas & Negócios

29/06/2020 | Jornal do Comércio | Empresas & Negócios | 6

À espera da nova normalidade

Os dias frios de inverno, época em que tradicionalmente diferentes regiões do Rio Grande do Sul ficam abarrotadas de visitantes, este ano compõem um novo cenário. As ruas e as paisagens bucólicas estão mais desertas desde o início da pandemia, em março. A queda drástica no movimento de pessoas e as regras de restrição de atividades impactam de forma distinta diferentes perfis de empresas ligadas ao turismo, como hotéis, agências de viagens, transportadores, restaurantes, parques e locais de eventos. E, mesmo entre as operações que estão funcionando, a receita está muito aquém da normalidade.

"Por mais que o Rio Grande do Sul esteja relativamente bem em relação a outros destinos turísticos do Brasil, com a pandemia de forma menos acentuada, houve uma paralisia no setor aéreo, o que afeta o Estado", explica Fabio Bentes, chefe da Divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Isso porque os destinos turísticos, de negócios e de eventos dependem da aviação civil.

Os números mostram que o transporte aéreo de passageiros despencou no Brasil. Em maio, a demanda por voos domésticos caiu 90,97% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O índice até melhorou um pouco em relação à queda de 93,09% em abril, que foi o pior mês da série iniciada em 2000 pela Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). Os dados foram compilados pela Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear).

Na hotelaria de Porto Alegre, por exemplo, cerca de 70% dos hóspedes usa como meio de transporte o avião. "O grande movimento de pessoas vem a trabalho, fica entre 50% e 60% da ocupação. Em média, 30% é turismo de eventos, como congressos, feiras, convenções, cursos. E, entre 10% e 20% é passeio", detalha Carlos Henrique Schmidt, presidente do Sindicato dos Hotéis de Porto Alegre (SHPOA). Com a situação dos voos, cerca de 80% dos hotéis ficaram fechados em abril e todos os eventos foram cancelados, mais de 20 mil, incluindo casamentos.

Na Serra, a situação se repete. Gramado recebe grande parte dos visitantes por via aérea. Já os gaúchos e catarinenses utilizam automóvel, e ocupam, respectivamente, a primeira e a terceira posição entre turistas no município. Pessoas vindas de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e estados do Nordeste representam a maior parte do movimento, reforçando a dependência de voos comerciais operando a pleno.

Como resultado, o turismo amargou perdas de R\$ 4,79 bilhões entre março e maio no Estado, valor que, no País, alcançou R\$ 87,79 bilhões no mesmo período, segundo projeção da CNC. E não há indicativos de que a situação melhore no curto prazo. "É um ano perdido porque não é possível afirmar que atingimos o pico da pandemia no País, e o Rio Grande do Sul tem aceleração no número de casos nos últimos dias. É cedo para cravar que esse é o fundo do poço", afirma Bentes.

Para o especialista da CNC, mesmo em um cenário mais positivo, com diminuição do número de contágios, houve queda nas atividades essenciais. "E, na economia, primeiro se retomam as atividades básicas para depois o consumo de não essenciais, caso do turismo", explica Bentes. De modo geral, a receita do setor acompanhou o desempenho da aviação e caiu em torno de 90% em abril na comparação ao período pré-Covid. Esse tombo se repetiu em maio e o economista estima retração de mesmo nível em junho.

Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), com 388 empresários de diferentes áreas de atuação no Estado, indica que o setor de serviços, do qual o turismo faz parte, foi o mais afetado pela crise no primeiro quadrimestre de 2020. Conseqüentemente, foi o que mais cortou vagas de trabalho: 39,3% dos entrevistados informaram que demitiram funcionários.

Realizada pelo Escritório de Desenvolvimento Regional (EDR), o levantamento mostra ainda que, para 75,7% dos entrevistados, piorou o setor de atuação da empresa na comparação aos primeiros quatro meses de 2019. Isso se reflete, em menor medida, na expectativa de faturamento. Para 55,9%, deve cair ou cair muito este ano. "O setor de turismo foi um dos mais atingidos, basicamente em função do isolamento, pela redução no deslocamento das pessoas", concorda o economista Ezequiel Megiato, coordenador do EDR.

O RANKING DE PERDAS NO TURISMO NO PAÍS

Queda de faturamento do setor turístico, de março a maio, em R\$ bilhões:

SP - 31,77
RJ - 12,48
MG - 7,09
RS - 4,79
BA - 4,07
Brasil Total - 87,79

Fonte: CNC

Lições extraídas da adversidade

Ao mesmo tempo em que gerou um impacto econômico sem precedentes, a pandemia trouxe algumas lições e até valorização de serviços que vinham sendo substituídos por compras pela internet. A partir da redução dos voos internacionais, o retorno de muitos brasileiros pelo mundo foi facilitado por agentes de viagens e operadoras. "Quando começou a pandemia, as pessoas foram realocadas com agilidade via agência e operadora. Quem comprou on-line ficou por último, pois não tinha ajuda para retornar. Quem passou por isso ou ouviu relato de pessoas que tiveram esse atendimento diferenciado, valoriza mais. O cliente de agência é fiel justamente pelas informações e pela segurança que passamos", conta Lúcia Bentz, presidente da Associação Brasileira de Agência de Viagens do Rio Grande do Sul (Abav-RS).

Na Serra, a adversidade estimulou a parceria. "Nunca vi o trade tão engajado e empresários tão unidos. Temos sido surpreendidos, por mais que se tenha dificuldade em fiscalizar tudo, a maioria dos empresários propõem medidas (de controle sanitário) além do que pedimos", conta Rafael Carniel, secretário de Turismo de Gramado.

A pandemia também trouxe aprendizados. Carlos Henrique Schmidt, presidente do Sindicato de Hotéis de Porto Alegre (SHPOA) cita o cuidado com o caixa da empresa. "O setor está aprendendo a controlar a saúde financeira na marra", destaca.

Sistema de bandeiras traz desafios para empresários

As perdas do setor de turismo são generalizadas, mas sua intensidade depende do tipo de empresa e do local onde operam. Enquanto empresas de eventos estão com agendas bloqueadas desde março, sem poder atuar, hotéis tiveram de se adequar a regramento sanitário, mas não foram impedidos de receber hóspedes. Diferentemente dos restaurantes, que oscilam entre operar e fechar, conforme a bandeira da região em que estão localizados, seguindo regramento do modelo de distanciamento controlado, instituído pelo governo do Estado. A definição de cor da bandeira depende do grau de risco em saúde de cada região.

O abre e fecha de empresas de serviços se torna um problema para parte dos empresários em razão do perfil de atividade. Para um restaurante funcionar, por exemplo, é necessário mobilizar garçons, cozinheiros, auxiliares, equipe de limpeza e caixa, sem contar os custos com estoques de comida. Quando há interrupção de atividades, é alto o custo com a equipe e com os alimentos que não podem ser armazenados por longo período. Esse contexto pode ocorrer de uma semana para a outra. Mas é uma situação que deve se repetir.

Para Amanda Paim, coordenadora estadual da Economia Criativa e Turismo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado (Sebrae-RS), houve entusiasmo desde o Dia das Mães até Dia dos Namorados, mas empresários mais atentos sabiam que poderia haver restrições das atividades. "Quem não enxergar isso não está sabendo lidar com o ambiente. A maioria

acreditou que iria se manter, até porque as empresas têm caixa esgotado. É uma questão de sobrevivência retomar atividades, mas, no modelo em que estamos, haverá interrupções", salienta.

"Cada semana é diferente, cada hora há uma decisão distinta que confunde", considera José Reinaldo Ritter, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis do Rio Grande do Sul (ABIH-RS) e vice-diretor operacional ABIH nacional. A opinião é compartilhada por Ângelo Sanches, secretário de Turismo e Cultura de Canela. "O contexto gera insegurança. O empresário teve custo para demitir e agora tem de contratar todo mundo de novo, depois vem a bandeira vermelha e ele precisa pagar funcionário, luz, água. Há incerteza para o proprietário e para o colaborador", afirma o secretário. Outra situação inusitada ocorreu até semana passada: os restaurantes de hotéis estavam proibidos de funcionar na Capital, enquanto os demais estabelecimentos tinham permissão para servir comida em seus salões. "Enviei carta ao governo (de Porto Alegre) para corrigir essa distorção, todos os restaurantes deveriam obedecer às mesmas regras. Gera insegurança, até porque os hotéis têm restaurantes abertos para fora", alerta Carlos Henrique Schmidt, presidente do SHPOA.

A assimetria de tratamento deixou de ocorrer no dia 23 de junho, quando o aumento de casos forçou o prefeito da Capital, Nelson Marchezan Júnior, a publicar regras mais rígidas. Assim, ficou impedida a abertura de restaurantes, bares e lancherias, padarias e lojas de conveniência para clientes, que voltaram a consumir apenas pelo sistema de tel entrega e pegue e leve.

Turismo mais responsável no radar dos gestores

Ao mesmo tempo em que amargam perdas econômicas, é consenso entre as pessoas que trabalham no trade a necessidade de preservar a saúde dos moradores de cidades que recebem turistas, dos trabalhadores dessas localidades e de seus visitantes. Até porque nenhum destino quer ter seu nome atrelado a algum surto da doença. E a comunicação com os clientes de ações que priorizam a saúde é fundamental. "Por mais que haja desejo de retomar, as pessoas precisam se sentir seguras. Não basta empresários e municípios quererem voltar se não houver confiança de que será viável", diz Amanda Paim, coordenadora estadual da Economia Criativa e Turismo do Sebrae-RS.

Na Serra, prefeituras e empresários adotaram iniciativas de estímulo ao turismo responsável. "Precisamos ter olhar sistêmico, não podemos deixar queimar o nome de uma das cidades (da Região das Hortências) vistas como as melhores aos olhos do Brasil, com turismo de altíssimo nível, respeito ao turista e acolhimento", ressalta Mauro Salles, presidente do Sindicato da Hotelaria, Restaurantes, Bares e Similares da Região das Hortências (Sindtur/Serra Gaúcha) dos municípios de Canela, Gramado, São Francisco de Paula e Nova Petrópolis.

Salles conta que a primeira fase foi de responsabilidade com a saúde, pela falta de informações. "Defendemos a paralisação no início. Depois, fomos tomando conhecimento e buscando orientações, o que possibilitou gerar confiança para começarmos a retomada no final de abril, com gastronomia, e no início de maio, com hotelaria. Desenvolvemos protocolos e entregamos aos municípios - com diálogo, foi construída a abertura. Desde maio, estamos com todas as regras e orientando os clientes", detalha.

Em Canela, a administração municipal buscou uma forma de se diferenciar no novo normal e lançou o programa Turismo Seguro, no qual avalia os estabelecimentos e concede selo de acordo com a pontuação, que será entre A e E. Entre os critérios estão protocolos de saúde, acessibilidade, inclusão e preocupação com o meio ambiente. Por exemplo, ganham pontos os restaurantes com cardápios nas versões em inglês, espanhol e braile. "O novo turista será mais preocupado com segurança, como é com o atendimento, a hospitalidade, com o que fazer", destaca Ângelo Sanches, secretário de Turismo de Canela. "A preocupação é capacitar ainda mais os serviços, com espaços kids ou temáticos nos restaurantes, criar atrativos nos parques para que o turista aproveite mais o espaço, ter atendimento bilíngue, trilingue, mudar a identidade, ou seja, mostrar que estamos preocupados com o turista. O maior patrimônio que vamos vender são as relações, a segurança do contato", explica o secretário.

Em Gramado, a iniciativa para deixar os viajantes mais tranquilos é a adoção da plataforma de rastreamento Smart Tracking, obrigatória por decreto nos estabelecimentos comerciais do município. Por meio de um QR Code que o empreendedor deixa visível, o visitante pode acessar, preencher o cadastro e informar os locais onde passa. A ferramenta mapeia indivíduos diagnosticados com o coronavírus sem identificar o usuário, explica o secretário de Turismo de Gramado, Rafael Carniel. "A Secretaria da Saúde não tem nome das pessoas ou do estabelecimento, mas o sistema, mantendo sigilo, manda e-mail a todas as pessoas que cruzaram com quem foi diagnosticado nos últimos 15 dias, inclusive ao estabelecimento", explica Carniel.

Outra ação adotada em Gramado é a conscientização sobre a importância das medidas de prevenção da população, dos empresários e dos visitantes. Na Trupe Use Máscara, dois atores cantam paródias de marchinhas de Carnaval para sensibilizar as pessoas. E, nas barreiras sanitárias, quem chega de automóvel tem sua temperatura medida, informa sobre estado de saúde, recebe orientações e, caso necessário, é encaminhado para uma unidade de saúde.

Também o Ministério do Turismo, além de criar protocolos de atendimento ao turista, lançou no início de junho o selo Turismo Responsável - Limpo e Seguro. A adesão à ação é estimulada pelo secretário estadual de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Rodrigo Lorenzoni, como forma de divulgar entre os clientes os cuidados sanitários adotados pelas empresas. Para ele, que assumiu há apenas um mês a pasta, é preciso inovar para o setor se adequar à nova normalidade.

Um dos objetivos é articular uma rede para conectar governo federal, Estado, municípios e iniciativa privada, já que o momento é de recursos escassos. "É um desafio trabalhar com indefinição, em razão da pandemia, mas isso não impede de planejar", completa.

Cena para não se repetir

A dança do caixão, protagonizada por garçons em um restaurante de Gramado no início de maio, quando o Brasil já contabilizava mais de 11 mil mortes por conta do coronavírus, repercutiu nas redes sociais mundo afora, com mais de 3,3 milhões de visualizações. A cena constrangeu a cidade, mas serviu como aprendizado.

"Existe uma hipersensibilidade por conta da pandemia e às vezes falta empatia. Recebemos gente do Brasil inteiro, e precisamos saber o quanto pode doer esse episódio. Foi triste, colocou Gramado no top trends no Twitter, mas foi uma lição que tocou a todos", afirma Rafael Carniel.

O secretário de Turismo lembra que 86% dos negócios da cidade são ligados ao setor e, por isso, a população tem de estar engajada, pois "receber não é opção, precisamos receber". Por isso, repete: "Não esqueçam que o sobrenome de vocês é Gramado, todos são responsáveis pela cidade", avisa Carniel.

Mas alerta que não é qualquer turista, mas aquele comprometido em cuidar da própria saúde e do bem estar dos outros. "Tenho apelado que os moradores abordem turistas na rua e peçam que usem máscara, com informação e franqueza. Evita autuação para a pessoa e o estabelecimento, e é a maneira de deixar a cidade aberta, mantendo emprego e renda".

Para traçar um cenário sobre as perspectivas para o setor em Gramado, foi realizada pesquisa com 4.598 pessoas, entre 7 e 12 de maio, por meio eletrônico. Entre os resultados, destaca-se que 86,4% considera a situação de saúde controlada do destino como fator primordial para viajar.

Roteiros ao alcance do carro

As localidades próximas, onde o transporte pode ser feito confortavelmente por automóvel, são os primeiros destinos dos viajantes. E isso já começa a se refletir no crescimento no número de hóspedes na Serra. No feriadão mais recente, de Corpus Christi, por exemplo, a ocupação hoteleira chegou a cerca de 60% do que era permitido. Vale lembrar que, na época, Gramado permitia utilizar até 70% de cada unidade hoteleira e Canela, Nova Petrópolis e São Francisco de Paula, até 50%. Ou seja, um hotel com 100 leitos em Canela, que poderia ocupar 50 unidades, utilizou 30 quartos. "Cerca de 90% do público que recebemos é regional, do próprio Rio Grande do Sul e, em menor número, de Santa Catarina", explica Mauro Salles, presidente do SindTur Serra.

Para estimular esses passeios internos no Rio Grande do Sul, o secretário estadual Rodrigo Lorenzoni pretende investir R\$ 6 milhões na instalação de pódios, placas de sinalização e reformulação de praças e ambientes de lazer. Com restrições orçamentárias, o governo quer reativar os centros de atenção ao turista. De 90 unidades, hoje restam apenas duas ativas, ambas na Capital e fechadas em razão da pandemia. Outras 12 estruturas estão em processo de regularização, sendo três em fase de finalização de convênio com as prefeituras: São José dos Ausentes, São Francisco de Paula e Torres. Nesses contratos, a prefeitura entra com infraestrutura e o Estado com mão de obra e material de divulgação.

Depois das viagens curtas, a tendência é buscar destinos nacionais, conforme pesquisa da consultoria Cap Amazon e do portal Mercado & Eventos, que ouviu mais de 400 agentes de viagens de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba. Segundo os

entrevistados, 93,5% dos clientes têm preferência por viagens domésticas no curto prazo. Para 54%, o turismo deve se intensificar em setembro. Em relação aos tipos de viagens, o estudo apontou, como prioridades, a busca de locais que promovam bem estar, ecoturismo, cultura, gastronomia e luxo, nessa ordem.

A presidente da Abav-RS, Lúcia Bentz, acredita que, após a redução da curva da Covid-19, a tendência é de as pessoas aproveitarem para realizar sonhos e, portanto, arrumar as malas e passear. "Há uma vontade reprimida de viajar", afirma. Ela conta que alguns clientes já começam a programar roteiros, inclusive há operadoras bloqueando voos para destinos de lazer no País a partir de outubro. "Mantemos contato com os clientes para estimular e fomentar a vontade de viajar. E já estamos preparados com produtos e amparados para vender, com flexibilidade, caso seja necessário", explica a presidente da Abav-RS.

Na Serra, os preparativos devem começar para eventos a partir de setembro, como o Festival de Cinema e, na sequência, o Natal Luz, cujas atividades devem ser estendidas até janeiro. "No verão, a Serra deve atrair turistas brasileiros com renda mais alta no Brasil, que têm o hábito de viajar para o exterior. Esses roteiros devem reduzir muito em razão da saúde, questão da moeda e pela limitação da quantidade de voos para fora", avalia Mauro Salles, presidente do SindTur Serra.

Crédito para evitar o fechamento das portas de hotéis no Rio Grande do Sul

A redução de turistas e a consequente queda de faturamento, a restrição de funcionamento de apenas parte da capacidade dos estabelecimentos ou seu fechamento total geraram um impacto econômico inédito para o trade turístico. No Rio Grande do Sul, muitas empresas nem voltaram a operar, aguardando melhora no cenário da pandemia. Outras, fecharam definitivamente as portas. É o caso do Hotel Laje de Pedra, de Canela. Enfrentando problemas financeiros há tempos, a tradicional marca anunciou o encerramento das atividades no início de maio. Uma das medidas para não sucumbir é a busca por financiamento,

José Reinaldo Ritter, presidente ABIH-RS, informa que o setor está tentando se reerguer, mas 95% dos hotéis independentes ainda estão fechados no País. "Temos pouco apoio do governo, há várias demandas e não somos atendidos. Falta crédito, o juro não baixa e as exigências para financiamento são as mesmas", lamenta o empresário. Para Carlos Henrique Schmidt, do SHPOA, o setor acumula dívidas e vem 'comendo' capital próprio. A única medida eficaz, ressalta, foi a redução da folha de pagamento, adotada pelo governo federal. As demais esferas mantiveram as tarifas de água, IPTU e energia. Schmidt diz que há dificuldade em acessar essas linhas, pois "grande parte das empresas já estão enroladas com dívidas. E aí se repete, o banco empresta para quem não precisa", afirma.

Maurício Mocelin, superintendente do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), afirma que a liberação do financiamento depende muito mais da empresa - em fornecer balanço, informações, contrato social e documentação - do que do banco. "Estamos sendo um pouco menos rigorosos se a dificuldade de cadastro surgiu pós-março", afirma Mocelin, mas admite que os "empréstimos não são concedidos a empresas com problemas de cheque sem fundo e protesto anteriores a março".

Para disponibilizar recursos, o Badesul trabalha em parceria com uma sociedade garantidora de crédito da Serra, e que atende a Micro e Pequenas Empresas. Jeanette Lontra, presidente do Badesul, explica que o banco também está buscando se credenciar ao FGI do BNDES e ao Banco do Brasil. "Um dos problemas do empreendedor é o alto endividamento, e está aumentando com a crise. Para as pequenas, a dificuldade maior é estar com toda a documentação exigida e ter garantias", informa Jeanette.

No Estado, BRDE, Badesul e Caixa Econômica Federal estão credenciados para operar com o novo Fundetur. No Badesul, pelo Fungetur, já estão em fase de contratação com empresas cerca de R\$ 2 milhões. No BRDE, somam R\$ 16,5 milhões em vias de serem contratados.

* Karen Viscardi é formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (Pucrs). Atuou como editora no Jornal Zero Hora, e como editora e repórter no Jornal do Comércio. Entre as premiações, destaque para Troféu Mulher Imprensa, no qual ficou em primeiro lugar na categoria Repórter de Jornal em 2008.

Somos 7,8 bilhões de pessoas vivendo em um mundo globalizado. Apesar da desigualdade social abissal de nossas sociedades, somos todos iguais, compartilhamos e dependemos da mesma arca chamada Terra. Porém, o crescimento explosivo da nossa população nas últimas décadas tem provocado uma exploração insustentável da natureza. Entre as inúmeras agressões ambientais que cometemos, a degradação dos ecossistemas naturais e a caça, captura, aprisionamento, venda, uso como pets e consumo de animais selvagens nos põem em contato com vírus e bactérias que viviam em harmonia com seus hospedeiros silvestres. Como o nosso corpo não foi treinado para lidar com esses microrganismos estranhos, corremos o risco de que eles sejam bastante agressivos para nós. Vírus que atacam o aparelho respiratório e que são transmitidos de uma pessoa para outra podem ser espalhados rapidamente pelo globo terrestre por viajantes infectados. É exatamente isso que está acontecendo com o coronavírus causador da covid-19.

Assim como adoecemos ao entrarmos em contato com esses novos microrganismos, também levamos a morte para os animais silvestres quando deixamos os nossos patógenos nos ecossistemas naturais que invadimos. Esse é um sério problema, inclusive, dentro da nossa própria espécie. Indígenas que nunca tiveram contato com a maioria das nossas doenças são muito mais sensíveis do que as pessoas de nossa cultura. Infelizmente, a história da humanidade está repleta de exemplos de culturas tradicionais dizimadas ao redor do mundo por doenças levadas pelos "colonizadores".

A covid-19 nos ensina muitas lições. Uma delas é que a única maneira de reduzirmos o risco de novas pandemias é a construção de uma sociedade que respeite a natureza acima de tudo e na qual todo ser humano tenha uma vida digna. Como quase sempre somos os únicos responsáveis pelos nossos problemas de saúde, está na hora de vivermos um "novo normal" e escrevermos uma história que, finalmente, faça jus ao Homo sapiens ("homens sábios").

Segmento: Interesse

29/06/2020 | Correio do Povo | Ensino | 9

Agenda do ensino

Medicina: Encerram-se hoje, as inscrições ao vestibular de inverno da Universidade de Passo Fundo (UPF) para o curso de Medicina. Com a pandemia, essa seleção se dará por meio da nota do Enem (entre 2016 e 2019). Inscrições: <http://vestibular.upf.br>. O listão sairá dia 3/7, às 11h; e a matrícula será nos dias 6 e 7/7.

Webinar: A Universidade de Caxias do Sul realiza o ciclo virtual de palestras e debates "Desafios e Perspectivas para a Docência On-line". É gratuito e voltado a professores e gestores da Educação Básica e do Ensino Superior. Cada webinar é ministrado por docentes da UCS, seguido de interação. Amanhã, às 18h, será sobre comunicar e informar. E dia 4/7, às 9h, sobre planejamento didático no isolamento social. Conferir: <https://bit.ly/2YFq0q7>.

Pets: Desde o início do distanciamento social, o Senac-RS oferece aulas on-line diversificadas. Nessa proposta, o Ensino Médio do Senac-RS promoveu um momento especial no Intervalo Pedagógico das escolas Senac Gestão & Negócios e Caxias do Sul. No encontro lúdico, em plataforma on-line, os alunos mostraram seus amiguinhos pets para a turma, numa integração do grupo com seus animais de estimação.

Escola Cívico-Militar: Em encontro em Flores da Cunha, dia 26/6, o deputado estadual TenenteCoronel Zucco esteve com o prefeito Lídio Scortegagna e com a secretária de Educação, Ana Weber, onde foi apresentado o uniforme da Escola Tancredo Neves, que adotará o sistema cívico-militar, a partir de projeto do deputado Zucco, em 2019.

29/06/2020 | Jornal do Comércio | Opinião | 2

O novo ministro e a importância da educação no País

Carlos Alberto Decotelli, indicado ministro, terá como principal missão focar em educação. Mesmo parecendo uma obviedade, a questão é que o seu antecessor, Abraham Weintraub, fez de tudo, menos tratar dos assuntos que interessam, coordenando o ensino

em todo o País. Weintraub está nos Estados Unidos, à espera de tomar posse como diretor brasileiro no Banco Mundial. Decotelli é financista, professor e coautor de livros de administração bancária e financeira. Tem doutorado em administração financeira pela Universidade Nacional de Rosário, Argentina, e pós-doutorado na Bergische Universität Wuppertal, na Alemanha.

Boas credenciais para o cargo, a priori, restando a confirmação do trabalho à frente do Ministério da Educação. Afirmou que irá favorecer o diálogo e a comunicação com o MEC, mas ressalva que, neste momento, a urgência é resolver os problemas da educação decorrentes da pandemia do coronavírus. Para ele, o sistema de cotas é uma das políticas públicas positivas, mas não deve ser a única para destruir desigualdades. Boa meta, com certeza. O novo ministro terá que atuar em conjunto com estados e prefeituras, ainda que a decisão sobre o retorno às aulas seja tarefa dos governadores e prefeitos. Então, o principal desafio de Carlos Alberto Decotelli será a coordenação com as autoridades estaduais e municipais para a retomada das aulas presenciais após a quarentena, atualmente sendo definidas pelos estados e municípios, com quase nenhuma participação do Ministério da Educação.

Também dar seguimento à organização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em meio ao aumento das desigualdades educacionais por conta da pandemia. Finalmente, a aprovação do Fundo Nacional da Educação Básica (Fundeb), recurso bilionário para educação básica e que, por determinação de lei, expira neste ano. O que todos esperam é que a educação seja sempre a meta primordial, o primeiro e fundamental passo para começar a diminuir a brutal desigualdade social que o Brasil apresenta há décadas, toda ela agravada pela pandemia que assola ainda o País.

Mantendo a orientação de um MEC dirigido tecnicamente e com propostas claras à nação, com certeza teremos uma preocupação a menos no atual governo. O Ministério da Educação é por demais importante, no contexto citado, para não ser muito bem conduzido, em prol do Brasil. Que o novo ministro tenha sucesso, em benefício da nação, é o desejo de todos.

29/06/2020 | Zero Hora | Notícias | 10

Ministro da Educação nega plágio

O Ministério da Educação (MEC) divulgou nota na noite de sábado na qual afirma que o novo ministro, Carlos Alberto Decotelli, nega as acusações de que teria cometido plágio em sua dissertação de mestrado e afirmou que revisará o trabalho. Ele também sustentou o curso de doutorado que fez na Argentina, com tese que não chegou a defender, de modo que não obteve o título de doutor.

Reportagem do site UOL publicada no sábado sugere que o ministro teria copiado ao menos quatro trechos de outras dissertações de mestrado e textos acadêmicos na introdução de seu trabalho de mestrado, apresentado em 2008 para a FGV Rio de Janeiro, com o título "Banrisul: do PROES ao IPO com governança corporativa".

Os trechos não são colocados entre aspas, o que é obrigatório em trabalhos acadêmicos quando há citações de outros textos. Também não há referência ao autor logo quando termina a frase. Ao final do texto, Decotelli faz referência apenas a dois dos quatro trabalhos com trechos idênticos.

Na sexta-feira, o professor Thomas Conti, do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), mostrou que a dissertação de Decotelli também tem trechos idênticos aos de um relatório da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) do mesmo ano. O relatório também não foi citado por Decotelli nem sequer consta da bibliografia. Na nota emitida pelo governo federal, o MEC chama de "ilações" as afirmações de que o ministro cometeu plágio, e diz que pode ter havido falha técnica ou metodológica.

"O ministro destaca que, caso tenha cometido quaisquer omissões, estas se deveram a falhas técnicas ou metodológicas. Informa também que, ainda assim, por respeito ao direito intelectual dos autores e pesquisadores citados, revisará seu trabalho e que, caso sejam identificadas omissões, procurará viabilizar junto à FGV uma solução para promover as devidas correções."

Título

Quando anunciado como novo titular da pasta da Educação, Decotelli foi apresentado pelo presidente Jair Bolsonaro como doutor pela Universidade de Rosário (UNR), na Argentina. O reitor da instituição, no entanto, afirmou na sequência que Decotelli "cursou o doutorado, mas não finalizou, portanto não completou os requisitos exigidos para obter a titulação de doutor".

Em nota, o MEC ressalta que Decotelli foi aprovado em todas as disciplinas e que, por compromissos no Brasil e falta de recursos financeiros, o agora ministro precisou retornar ao país sem o título. "Ao final do curso, apresentou uma tese de doutorado que, após avaliação preliminar pela banca designada, não teve sua defesa autorizada. Seria necessário, então, alterar a tese e submetê-la novamente à banca. Contudo, fruto de compromissos no Brasil e, principalmente, do esgotamento dos recursos financeiros pessoais, o ministro viu-se compelido a tomar a difícil decisão de regressar ao país sem o título de Doutor em Administração", diz o MEC.

Pós

Sem o título de doutor, Decotelli não poderia cursar o pós- doutorado na Alemanha, conforme foi dito pelo presidente no momento do anúncio.

Em nota, o ministério afirmou que o ministro desenvolveu uma pesquisa sobre sustentabilidade na automação de máquinas agrícolas na instituição estrangeira, pela qual não recebeu títulos.

"A universidade alemã aceitou apoiar o projeto, considerando a relevância do tema, a conclusão e a aprovação em todos os créditos obtidos no curso de Doutorado em Administração na Universidade de Rosário e seus 30 anos de atuação como conceituado professor no Brasil", afirma o ministério. "Em abril de 2017, recebeu documento que atesta o registro de seu trabalho. O ministro ressalta que não recebeu títulos em decorrência desta pesquisa", completa o texto do MEC.

Depois das acusações, o ministro alterou seu currículo acadêmico, "de forma a dirimir quaisquer dúvidas", de acordo com o ministério.

Leia mais nas páginas 6 e 14

Segmento: Outras Universidades

29/06/2020 | Jornal VS | Especial | 4

O nosso baixo isolamento social

Em meio à alta de casos da Covid-19, percentual médio mensal da região sempre foi inferior aos 70% indicados pela Organização Mundial da Saúde

Enquanto cresce na região e no Estado a inquietação com o aumento de casos do novo coronavírus, os números mostram um outro dado preocupante: o baixo isolamento social em cidades do Vale do Sinos, como São Leopoldo, Sapucaia do Sul e Esteio, da região de circulação do Jornal VS, que já somam mais de 30 mortes por Covid e mais de 1,4 mil casos da doença. Nelas, a média de isolamento em junho é de 41% a 42%, (a média no Rio Grande do Sul seria de 41,7%) número bem longe dos 70% orientados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para que resultados efetivos sejam conquistados no controle do vírus.

Os números são da empresa In Loco, de Recife, que usa informações baseadas na localização de celulares e tem divulgado levantamentos sobre o isolamento em todo o Brasil. Os dados buscam ajudar autoridades no controle e planejamento das ações de prevenção. Baixos índices Manter as pessoas afastadas reduz as chances de propagação do temido vírus Sars-Cov-2. Entretanto, segundo os dados do levantamento, a região só chegou perto dos 70% de isolamento no final de março, quando começaram a valer os decretos municipais de restrições. Em 22 de março, o primeiro domingo da semana de restrições que mudou a vida de todos, todas as cidades chegaram ao chamado nível ideal de isolamento: 70% em São Leopoldo, 68% em Sapucaia do Sul e 69% em Esteio. São Leopoldo, na última semana de março, já com decreto em vigor, se manteve em 60%, mas o número foi caindo em abril para a casa dos 50% e em direção à casa dos 40% em maio. Aos domingos foram detectados alguns picos de isolamento, sendo o último em 19 de abril (56%). No domingo de 21 de junho o isolamento estava em 49%, caindo para 39% na semana.

Bandeira vermelha

O prefeito de São Leopoldo, Ary Vanazzi, comenta que o Município conseguiu reduzir a circulação de pessoas, mas lembra que ainda há resistência. “Esses números significam que não estamos conseguindo manter as pessoas em casa. Houve uma diminuição de fluxo grande. É um processo em construção.” Luis Rogério Link, prefeito de Sapucaia do Sul, reitera a importância de manter o isolamento social. “Desde o início dos casos de Covid-19, ouvimos de especialistas que a melhor arma para conter a pandemia é o isolamento social. Temos um bom percentual de pessoas que estão aderindo e respeitando as medidas, mas infelizmente temos muitos que não respeitam.” O prefeito de Esteio, Leonardo Pascoal, diz que a “pesquisa não apresenta um delineamento científico ou qualquer base metodológica sólida para ser considerada relevante ou fidedigna em relação ao momento atual, especialmente ao tentar olhar, a distância, distintas realidades locais”. Socióloga diz: “tende a piorar antes de melhorar” “Estamos todos na mesma tempestade, mas não estamos no mesmo barco.” Assim resume a socióloga e professora do Mestrado em Psicologia da Universidade Feevale, Sueli Maria Cabral, sobre a atual situação no País.

Em sua análise, o confinamento como algo difícil para o ser humano se adaptar, a falta de uma liderança nacional e a desigualdade social, cultural e econômica transparecem no comportamento de quem não segue à risca as orientações de distanciamento social. Sem conotação partidária, como faz questão de frisar, a socióloga diz que as pessoas aprendem com exemplos. No seu entendimento, existem dois exemplos ruins que estão no imaginário social. O primeiro deles é que o coronavírus é uma bobagem, é uma invenção da mídia, que não pega. O segundo aspecto é a posição do presidente da República, Jair Bolsonaro.

Para Sueli, o presidente, por meio de falas prudentes, poderia tornar-se fonte básica de um processo de reeducação sociocultural e com certeza ele seria capaz de amenizar os atuais resultados da pandemia. Ela acredita que será muito difícil enfrentar a Covid-19 se não tivermos uma liderança forte conduzindo a nação, uma liderança coerente. “A coerência não significa lockdown ou ter que optar entre economia e saúde, coerência está na estratégia, nas parcerias, nas prioridades e enquanto isso não correr, o cenário atual tende a piorar muito antes de melhorar”, conclui.

29/06/2020 | Zero Hora | Notícias | 7

Procura por vagas travada se soma à queda na renda

Em maio, 450 mil pessoas no RS deixaram de buscar emprego devido à crise. Massa salarial dos ocupados caiu 17,7%

Encontrar emprego virou tarefa ainda mais árdua durante a crise do coronavírus. Em maio, o Rio Grande do Sul tinha 450 mil pessoas que gostariam de trabalhar, mas não conseguiram procurar vagas em razão da pandemia ou da escassez de oportunidades. Para piorar, a renda de quem seguiu empregado, em média, também sofreu grande impacto, indica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No mês passado, a soma dos salários dos trabalhadores ocupados atingiu R\$ 10,49 bilhões no Estado. Esse indicador é chamado de massa de rendimento médio real efetivamente recebido. Em relação ao que os profissionais somariam habitualmente (R\$ 12,74 bilhões), a queda chegou a 17,7%, estima o IBGE. É como se R\$ 2,25 bilhões deixassem de ir para o bolso de quem continua atuando.

Os dados integram o estudo Pnad Covid-19, que tenta dimensionar os efeitos do coronavírus no mercado de trabalho e na área da saúde. Para o IBGE, os profissionais ocupados são aqueles que exercem atividades com ou sem carteira assinada. Já os desocupados

estão sem atuar, mas seguem em busca de oportunidades. E isso não foi possível para as 450 mil pessoas prejudicadas pela pandemia ou pela falta de vagas.

- Elas podem não ter buscado trabalho por medo de se expor ao vírus, por ver que empresas estavam fechadas ou outros motivos - explica Luís Eduardo Puchalski, gerente substituto de pesquisa do IBGE.

O estudo não confirma, mas é provável que o grupo reúna pessoas que tenham sido demitidas recentemente. É o caso de Grazielen Chaves, 33 anos. Em razão da crise, ela perdeu, em abril, o emprego de vendedora em uma rede de lojas de calçados. Mãe de uma menina de quatro anos, a moradora de Porto Alegre tem pressa para encontrar nova oportunidade. Mas, desde então, não conseguiu procurar outra vaga. Ela relata que a pandemia resultou em escassez de empregos no comércio.

Com a perda do trabalho, também há dificuldade para contratar uma babá que cuide da filha - e creches seguem fechadas. Diante da situação, Grazielen cogita mudar de ramo profissional:

- Sinceramente, agora não interessa a área, busco o que conseguir. Sempre trabalhei no comércio, mas imagino que, quando as lojas reabrirem, não vão sair contratando.

Apreensão

O quadro vivido por Grazielen espelha uma situação que preocupa no Rio Grande do Sul. Além das 450 mil pessoas com acesso restrito ao mercado, outras 480 mil eram consideradas desempregadas em maio, aponta o IBGE. Juntos, os grupos somam 930 mil, o equivalente a 62,7% da população da capital gaúcha (1,48 milhão).

- Se olharmos só para o número de desempregados, parece que a crise não teve impacto tão grande. Agora, se avaliarmos também o grupo que não procurou vagas em razão da pandemia, é possível projetar que a taxa de desemprego quase dobre assim que essas pessoas voltem a buscar trabalho e a economia retome. É algo que preocupa - frisa o economista Marcos Lélis, professor da Unisinos.

Em maio, a taxa de desemprego foi de 8,4% no Rio Grande do Sul. Esse indicador mede o percentual de desocupados sobre a força de trabalho, que também inclui os ocupados. Segundo dados do Ministério da Economia, o Estado registrou 66,8 mil pedidos de seguro-desemprego no mês passado. É o maior número para o período desde o começo da série histórica, com dados desde 2011.

- Durante a crise, a maior parte das vagas disponíveis está ligada a áreas como a da saúde. Houve aumento na demanda por profissionais como técnicos de enfermagem, por exemplo. Mas isso não quer dizer que não existam outras oportunidades - diz a economista Maria Carolina Gullo, professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Necessidade de plano para saída da crise

O governo federal sinalizou nas últimas semanas que pretende estender o auxílio emergencial e a autorização para suspensão de contratos ou corte de jornada e salários. As ações buscam recompor parte da renda perdida por uma parcela dos trabalhadores, incluindo informais, e preservar empregos com carteira assinada. Economistas elogiam a possível ampliação, mas reforçam que é preciso ir além.

Professor da Unisinos, Marcos Lélis avalia que, devido à perspectiva de retomada lenta, o governo federal terá de encontrar espaço para novas medidas de estímulo no pós-pandemia. Ou seja, isso exigiria ampliar gastos públicos em áreas como infraestrutura, o que vai na contramão do ideário defendido pelo ministro da Economia, Paulo Guedes.

- O setor privado já estava debilitado antes do coronavírus. Medidas como autorização para corte de jornada ou suspensão de contratos são válidas agora, mas precisam vir acompanhadas de um plano para saída da crise - diz o economista.

Um das áreas que carecem de avanços é a concessão de crédito, lembra Maria Carolina Gullo, professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Nos últimos meses, empresas têm feito queixas de que não conseguem acesso a financiamento. Em períodos de turbulência, bancos privados costumam elevar as exigências antes de liberar crédito. Para a economista, o ambiente de negócios

também seria beneficiado se houvesse maior testagem da população:

- No Rio Grande do Sul, o modelo criado pelo governo estadual para enfrentar a pandemia (distanciamento controlado) é excelente. Mas precisaríamos testar mais as pessoas. Temos de encontrar equilíbrio entre economia e saúde. Não sabemos ainda se estamos no pico do contágio ou não. Vejo com muita preocupação o futuro da atividade econômica.